



## O negro nas páginas historiográficas: de raça inferior a agente histórico

Autor(es): Zildete Lopes de Souza

**Objetivo:** Este trabalho originou-se a partir de pesquisas necessárias para subsidiar escrita da dissertação de mestrado, ainda em andamento, denominada "A representação do negro em *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar". A discussão sobre o sistema escravista acabou por assumir duas vertentes distintas, pois há estudiosos que o caracterizaram como violento e outros como brando e benevolente. Não pretendemos realimentar esse debate, nosso propósito é retomar essas discussões procurando evidenciar de que maneira o negro e a escravidão foram representados nessas abordagens historiográficas. **Metodologia:** Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em obras que versaram sobre a escravidão num percurso que vai do final do século XIX até a década de 1980. Apoiamo-nos nas fundamentações teóricas de autores como: Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Jacob Gorender, Kátia Mattoso, Sílvia Hunold Lara e Sidney Chalhoub.

**Resultado:** No final do século XIX, difundiu-se a concepção de que a vivência no cativeiro tinha destituído o negro da capacidade de manter padrões civilizados e, conseqüentemente, de manter vínculos sociais. Esses estudos apontavam para uma suposta incapacidade genética e cultural dos negros. Em 1933, Gilberto Freyre traz, pela primeira vez, uma análise inovadora e positiva sobre a presença do negro na formação cultural do Brasil. Entretanto, ele argumentou em prol de uma escravidão consensual entre senhores e escravos, apresentando uma visão idílica do sistema escravista. A partir da década de 50, a escravidão volta a ser enfaticamente discutida e a concepção de um paraíso racial no Brasil, fruto de uma integração harmoniosa das raças, será duramente criticada por estudiosos da Escola Sociológica da USP. Essa nova vertente teve como mérito denunciar os horrores da escravidão no Brasil e questionar o conceito de "democracia racial", em contrapartida acabou por criar outros estereótipos como o do escravo-coisa e a do escravo rebelde. Já Os estudos desenvolvidos na década de 1980, em especial por Sidney Chalhoub, veem os cativos como sujeitos de transformações históricas, capazes de criar diversas estratégias de sobrevivência e enfrentamento à dominação senhorial, produzindo e redefinindo políticas nos seus próprios termos, agenciando sua própria liberdade. **Conclusão:** Essa divergência entre os principais teóricos que versaram sobre a escravidão está atrelada às influências ideológicas e, conseqüentemente, ao enfoque teórico adotado por cada autor.

Apoio financeiro: IFNMG